

A INFLUÊNCIA DA CADEIRA DE SOCIOLOGIA I DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO NA COMPOSIÇÃO DO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DE SÃO PAULO (1956-1961)

Samir Ahamad dos Santos Mustapha

RESUMO

O presente estudo analisa aspectos da atuação de quadros intelectuais e técnicos que atuaram no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo durante a gestão de Fernando de Azevedo (1956-1961). Foi objeto de análise o núcleo pedagógico da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS), notadamente as relações e diferenças teóricas, culturais e políticas existentes no interior desse Departamento, em especial os conflitos gerados pelas diferentes concepções sociológicas entre os seus quadros e a direção do CRPE/SP. A pesquisa procurou contextualizar a inserção na instituição a partir dos vínculos e as relações externas nos ambientes sociais e acadêmicos da Universidade de São Paulo. O CRPE/SP refletiu as divergências existentes nas Cátedras de Sociologia I, liderada por Florestan Fernandes e a Cadeira de Sociologia II, que tinha como membro correspondente Fernando de Azevedo. O DEPS foi dirigido, no período de análise, por Renato Jardim Moreira, que pertencia ao núcleo oposto ao de Fernando de Azevedo, o que gerou divergências nas concepções de pesquisa e, conseqüentemente, disputas políticas da USP foram verificadas no âmbito do Centro em questão.

Palavras-chave: CRPE/SP. Intelectuais. Ciências Sociais.

1 A CRIAÇÃO DO CENTRO DE PESQUISAS EM SÃO PAULO

A criação, em 1956, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE-SP) resultou em movimentação interna dentro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A instituição surge em sintonia com um projeto científico em plano nacional, explorado por pesquisas de Cunha (1991), Gonçalves (1997), Xavier (1999), Freitas (2001) Gouvêa (2008) entre outros.

Fernando de Azevedo foi indicado para diretor da instituição por Anísio Teixeira, coordenador do Centro Brasileiro de Pesquisas

Educacionais (CBPE). Porém, não era a primeira opção do educador baiano para o projeto de pesquisa.

Segundo depoimento de Florestan Fernandes, na série *Memória Viva da Educação Brasileira*, o intelectual explica a indicação e o surgimento da instituição:

Anísio convidou Antônio Candido para dirigir o Centro Regional de Pesquisas Educacionais. Antônio Candido recusou. Aí ele se voltou para mim e disse: “Florestan, você não vai me decepcionar como o Antônio Candido. Você dirige o Centro?” Eu disse: “Não, não dirijo. Não é o meu objetivo, tenho outras aspirações dentro da minha vida intelectual. Seria uma distorção muito grave, mas acho que o doutor Fernando faria isso.” Ele disse: “ – O Fernando? Mas como eu posso convidar o Fernando de Azevedo para isso?” Eu lhe disse: “É simples, traga o Fernando de Azevedo aqui, mostre o prédio, conte a dotação que ele disporá, fale sobre os objetivos, que a imaginação do doutor Fernando vai trabalhar no sentido de ver que se trata de uma atividade digna da competência dele e da sua capacidade criadora.” E foi o que aconteceu. O Fernando de Azevedo, eu e o Antônio Candido assistimos passo a passo, repetimos todo o passeio, subimos até aquela área, que era uma espécie de telhado; e, no fim, Fernando de Azevedo aceitou, o Anísio ficou feliz e o Centro produziu um trabalho criativo em São Paulo, suplementando a Faculdade de Filosofia e a Universidade de São Paulo numa área de pesquisa que jamais elas poderiam desenvolver por sua própria conta, ampliando os cursos de extensão e de atualização de professores de ensino de nível médio no Brasil inteiro, levando para esses cursos os melhores professores com os quais ele poderia contar, desenvolvendo programas de pesquisa de grande alcance. Se ele não fez mais, foi porque os meios foram escasseando. A Educação, quando não é esmagada pela ignorância, é esmagada pela escassez de recursos. Essa é a realidade. (FERNANDES, 1991, p. 36-7).

Antonio Candido e Florestan Fernandes foram as opções que Anísio Teixeira planejou para dirigir o projeto. Intelectuais que

representavam a nova geração acadêmica, em sintonia com a inovação científica nos métodos e objetos de estudo. Paoli (1995) aponta o perfil de Candido como ideal para a proposta científica do CRPE-SP:

A escolha de Antonio Candido em primeira opção naquele momento, é muito demonstrativa em relação ao tipo de orientação que Anísio Teixeira gostaria que fosse imprimido ao Centro Paulista. Isto porque Antonio Candido, então membro do Departamento de Sociologia e Antropologia, vinha, desde 1947, ministrando cursos de Sociologia Educacional; em 1953 reuniu anotações de parte de suas aulas e publicou *A estrutura da Escola*, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Este texto na época foi saudado como seminal, porque ele tanto iluminava estratégias para pesquisar a escola, como delineava a contribuição que a sociologia poderia dar para a formação do educador. Isso que Candido colocava no texto era muito acalentado por Anísio, em termos de uma proposta que trouxesse os intelectuais da área de Ciências Sociais para pesquisar a escola e ao mesmo tempo preparar o educador para ser também um observador do processo educacional, um *coletador de dados*. (PAOLI, 1995, p. 58).

Florestan Fernandes, por sua vez, representava o líder de uma geração que estava se constituindo e ficou conhecida como a “Escola Paulista de Sociologia”, como explica Pulici (2008) sobre a construção desta nova geração sociológica. A recusa de ambos aponta estratégia de ocuparem outros espaços, já que os mesmos ainda eram assistentes e almejavam ser titulares de cátedras na Faculdade.

Em 1954, o intelectual que até então era assistente da Cadeira de Sociologia I, assumiu a titularidade em substituição a Roger Bastide. A equipe técnica e administrativa do CRPE-SP foi composta por muitos quadros nascidos dos círculos de estudo de Florestan Fernandes.

2 A VINCULAÇÃO DA CADEIRA DE SOCIOLOGIA I NA DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIAIS

A formação da equipe do Conselho de Administração do Centro Regional previa a assistência em suas atribuições consultivas

e deliberativas. de professores indicados. Foram dois eleitos pelo Departamento de Sociologia e Antropologia, Egon Schaden e Florestan Fernandes; dois pelo Departamento de Pedagogia, José Querino Ribeiro e Laerte Ramos de Carvalho; e dois indicados por Fernando de Azevedo, Antonio Candido de Mello e Souza e Milton da Silva Rodrigues. Este último foi eleito vice-presidente por seus pares, para os impedimentos eventuais do Diretor Geral nas reuniões do Conselho e direção do CRPE.

O 2º Conselho que foi eleito em 1959 tinha como representantes do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFCL/USP os professores Egon Schaden e Ruy Galvão de Andrada Coelho, os dois do curso de Pedagogia eram José Querino Ribeiro e Laerte Ramos de Carvalho, e os dois escolhidos pelo diretor do CRPE foram Eurípedes Simões de Paula e Milton Da Silva Rodrigues.

Caberia a um dos departamentos da instituição, a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS), a realização de estudos que conduzissem ao conhecimento da cultura e da sociedade brasileira e de seu desenvolvimento, em conjunto e em cada região do país, a fim de permitir a compreensão mais ampla e profunda que for possível dos fatos educacionais em suas relações com a vida social.

Pelo plano, o DEPS deveria ter uma diversidade de pesquisadores que promoveriam o conhecimento do “mapa cultural” da diversidade social a regional brasileira e o suporte teórico para ser atrelado à educação.

Na apresentação da primeira edição da revista *Pesquisa e Planejamento*, periódico da instituição, é explicado que os planos de pesquisa deveriam romper com a improvisação para o uso de métodos científicos na educação.

Para esse fim, o aporte das Ciências Sociais nas pesquisas do CRPE/SP seria fundamental para associação íntima e fecunda entre educadores e sociólogos. Nessa direção, a apresentação do periódico valoriza a diversidade de pesquisadores no mesmo núcleo institucional e ressalta que pesquisas isoladas teriam resultados fragmentados:

A atividade de grupos de especialistas diferentes, trabalhando no mesmo campo e prosseguindo a sua tarefa em seus domínios próprios, tem a vantagem de “agarrar” um problema, sem deixar escapar nenhum dos aspectos por que pode ser abordado. Por essa

diversidade de ação e de meios, de pontos de vista e de técnicas, é um poderoso fator de eficácia. A sua coordenação, nesses Centros, com a redução das distâncias que separam os especialistas, é, porém, tanto mais necessária quanto os problemas a resolver são mais árduos e será tanto mais eficiente quanto maiores as facilidades de vária ordem que lhe forem dadas para estudarem em comum as questões educacionais e acharem soluções que a uns e outros, isoladamente, não seria fácil encontrar. (PESQUISA e Planejamento, 1957, p. 2).

Assim, os cientistas sociais teriam papel estratégico para uma nova abordagem educacional que deveria ser implantada na educação brasileira.

A existência na Universidade de São Paulo de um grupo científico em ascensão na Cadeira de Sociologia I propiciou que este núcleo se instalasse no referido setor de pesquisa, que seria dirigido por Renato Jardim Moreira, então assistente de Florestan Fernandes em sua correspondente cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Os setores de pesquisa foram ambientes que tiveram conflitos com Fernando de Azevedo. Em livro de memórias, o diretor do CRPE/SP explica que a escolha inicial foi mais difícil que a organização administrativa ou burocrática do Centro, e que suas escolhas ficaram aquém das expectativas:

E não demorei a enfrentar o problema. Onde tinha de ir buscar pesquisadores em educação e em ciências sociais como nas técnicas de planejamento, era na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo. Mas, ou porque não estavam eles suficientemente preparados para essas atividades de pesquisas científicas, ou porque operavam, nesse campo sem grande confiança na instituição em que passaram a trabalhar, a meu convite, os resultados foram de modo, geral, abaixo do que se podia esperar. Mas a essas dificuldades e decepções o Centro de Pesquisa reagiu de tal forma que, modificados os quadros, não só consegui sobreviver, mas progredir, com resultados positivos. (AZEVEDO, 1971, p. 156).

No presente artigo buscamos trazer aspectos das relações construídas dentro da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS) e a presença de Renato Jardim Moreira, diretor do setor ligado a Cadeira de Sociologia I, da Universidade de São Paulo.

3 RENATO JARDIM MOREIRA EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA SOCIOLÓGICO NA EDUCAÇÃO

Renato Jardim Moreira a época era um dos assistentes de Florestan Fernandes na Cadeira de Sociologia I, ao lado de Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. Este grupo, atuando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, dedicou-se à pesquisa de temas que seriam referências no desenvolvimento da Sociologia.

Antes de se vincular institucionalmente a cátedra de seu professor, em 1953 foi Secretário-Tesoureiro na *Revista de Antropologia* da USP, então dirigida por Egon Schaden.

Moreira participou ativamente do projeto UNESCO inserido na Sociologia da USP e a comissão científica para o estudo das relações raciais entre brancos e negros em São Paulo. Dentro dessa linha de pesquisa, escreveu o artigo "Branco em bailes de negros", publicado na revista *Anhembi*, em 1956.

Este sociólogo era tido como um intelectual de enorme potencial dentro da Universidade, como lembra Fernando Henrique Cardoso.

Em nosso grupo havia um pesquisador interessante, que se casou com a Maria Sílvia de Carvalho Franco, o Renato Jardim Moreira. Quando deixou o ensino na Faculdade, foi trabalhar na Shell como pesquisador. Antes disso, ele participou das pesquisas sobre os negros no Sul comigo e com o Ianni. Hoje não sei onde anda. Renato tinha mais valor do que foi dado a ele. Ele era uma pessoa menos verbal que nós, mas mais competente em matéria técnica (CARDOSO, 2006, p. 73).

Explica que foi privilegiado à frente de Moreira por Florestan Fernandes na indicação para ser primeiro assistente:

Para a minha surpresa, me nomeou primeiro assistente. E talvez para meu martírio, porque meus colegas ficaram enciumados. Renato foi nomeado segundo assistente. E era mais velho. Se o Florestan fosse político como eu, teria nomeado o Renato no meu lugar [risos]. E eu não iria reclamar porque não tinha essa expectativa. Renato, sujeito correto, também não reclamou, mas criou-se aquele clima. Florestan tinha isso, ele gostava da competição. Devemos lembrar que ele teve uma trajetória de mobilidade social, sempre conseguindo as coisas com mais dificuldade (CARDOSO, 2006, p. 73).

A forma que Florestan Fernandes utilizou para reparar o privilégio dado a Cardoso foi indicar seu outro assistente ao cargo de diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais representando o grupo da Cadeira de Sociologia I. A saída deste da FFCL abriu vaga para Octavio Ianni tornar-se segundo assistente da cátedra.

Renato Jardim Moreira, que acabou sendo um dos primeiros nomes indicados a trabalhar no CRPE-SP, teve sua passagem como a mais conturbada na instituição, devido à divergências com Fernando de Azevedo.

O intelectual se afastou em 1960 do campo de pesquisas em educação e do próprio ambiente acadêmico. Anos mais tarde, começou a trabalhar no departamento de marketing da empresa Shell. Essa guinada para outro campo profissional favoreceu para que suas pesquisas desenvolvidas e sua atuação da década de 1950 fossem interrompidas e, conseqüentemente, esquecidas.

Comparado aos diretores Dante Moreira Leite e Joel Martins, que passaram na primeira fase da instituição pelos demais departamentos, a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE) e a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), Renato Jardim Moreira foi quem mais publicou artigos na instituição.

Entre outras publicações, em abril de 1958 escreve na revista *Educação e Ciências Sociais*, do CBPE, um artigo intitulado "O conhecimento da realidade educacional brasileira e a Investigação Social". Neste texto defende que a investigação social no campo de educação deveria fornecer elementos para o planejamento e a implantação de uma política educacional.

Para Renato Jardim Moreira, as informações disponíveis sobre a realidade educacional brasileira não facilitavam e nem favoreciam

a realização e desenvolvimento da pesquisa na área educacional. O autor defendia que as pesquisas em Ciências Sociais fossem de natureza científica:

Não precisa ser exaustivo, mas apenas fornecer os elementos suficientes para o planejamento da ação política. Não precisa ser original quanto a sua matéria. Mais ainda, ao se realizar a pesquisa para obtê-lo não deve haver preocupação de que ele venha a representar uma contribuição teórica, nem de se empregar procedimentos originais. Isso não quer dizer que o especialista elimine de seu horizonte intelectual cogitações de problemas teóricos ou de refinamento dos instrumentos e processos de coleta e análise de dados. O que se pretende é evitar a presença, de um modo absorvente e asfixiante, de preocupações de natureza teórica. (MOREIRA, 1958a, p. 187).

Em suas produções o autor criticou ainda a tradição sociológica de estudos de determinados problemas com objetivos meramente teóricos. Propôs então que as pesquisas fossem empíricas, algo que já era proposto pela Cátedra de Sociologia I, da USP.

Explica que nas Ciências Sociais para se obterem dados sobre a realidade educacional era necessário e usual um tipo de investigação pautado pelo levantamento: entrevistas e amostras da população estudada e tabulação mecânica.

A partir do novo paradigma de pesquisa que o intelectual defendia em sintonia com o grupo da Cadeira de Sociologia I da USP, começa a surgir um *continuum* de estudos no CRPE-SP que dariam elementos para investigações: “Essa discussão, além de colocar a restrição nos seus devidos termos, dará os elementos necessários para um reexame das limitações do levantamento, anteriormente indicadas” (MOREIRA, 1959, p. 39).

A utilização de levantamentos teóricos e amostras seria a primeira etapa do empreendimento científico que defendia. O plano que desenvolveu teria adiante procedimentos mais complexos:

Só quando já se tiver um conhecimento ponderável de vários aspectos gerais da educação, é que se poderá e se deverá pensar em procedimentos e análises mais

refinados das ciências sociais. Será então a vez da entrevista, do estudo de casos, da observação e de todo o conjunto de técnicas sociológicas, antropológicas e psicológicas, até que se atinja, em alguns setores, a experimentação (MOREIRA, 1959, p. 41).

Porém, os resultados concretos encontrados nos dados não foram motivos de otimismo por parte do intelectual, nos primeiros anos dos projetos de pesquisas desenvolvidos, o que começa a expor um conflito institucional do DEPS e direção da instituição.

Como podemos constatar em entrevista de Renato Jardim Moreira ao jornal Folha da Manhã, no dia 5 de agosto de 1958, na seção *Vida Escolar* e tema *Ensino e Pesquisa*. Nesta reportagem foi intitulada com fala de Renato, “A falta de dados dificulta a pesquisa educacional no país (MOREIRA, 1958b), o intelectual explicava que, para superar a dificuldade, os cientistas precisariam recorrer ao planejamento e aos processos de amostragem. Porém, apontou as dificuldades que lutavam os pesquisadores sociais na tarefa de coligirem dados sobre assuntos ligados à educação no país. Assim declarou: “As informações disponíveis sobre a realidade educacional brasileira não facilitam, e muito menos favorecem, a realização e o desenvolvimento da pesquisa educacional” (MOREIRA, 1958b, p. 7).

A matéria apresentou a situação da pesquisa no país como um “Óbice quase insuperável”:

[...] os resultados de pesquisas educacional se revestem de um caráter de generalidade. Recorrem os pesquisadores aos processos de amostragem, que permitem redução extraordinária dos números de casos a estudar, possibilitando um conhecimento generalizável, mas, assim mesmo, a natureza dos dados disponíveis sobre a escola brasileira constitui óbice quase insuperável, para o planejamento de amostras de escolas, professores e alunos, analisando-se um pequeno número de casos (MOREIRA, 1958b, p. 7).

A análise pessimista e crítica apresentada por Renato Jardim Moreira é similar aos relatórios apresentados na revista *Pesquisa e Planejamento*, que apontavam que muitas pesquisas não conseguiam sua efetivação por falta de recursos financeiros.

O baixo investimento para atender a complexidade da extensão escolar e a falta de apoio ou de documentação disponível por parte da Secretaria de Educação de São Paulo motivaram o abandono de projetos de pesquisa do planejamento inicial do CRPE/SP.

Quanto à natureza de informações que precisavam ser recolhidas pelos pesquisadores sociais, explicava Moreira (1958b) ao jornal que o conhecimento deveria ser obtido rapidamente para que os resultados de investigação aparecessem em tempo útil para as decisões planejadas. Para esse fim, o método do levantamento seria o mais pontual, por sua eficácia:

Esse tipo de pesquisa, que se desenvolveu para atender as necessidades dos que se interessam pelos resultados de pesquisa para aplicação prática, em geral usa questionários como instrumento de coleta de dados, e trabalha com uma amostra da população que é objeto de estudo. Além disso, pelo vulto do trabalho e pela complexidade da realidade a que se refere, exige a formação de equipes numerosas com especialistas em vários campos das ciências sociais e nos diversos tipos de atividades necessários para a sua realização (MOREIRA, 1958b, p. 7).

Em setembro de 1959 ocorreu no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo o *Simpósio sobre Problemas Educacionais Brasileiros*. Renato Jardim Moreira defendeu neste evento a necessidade de elaboração de levantamentos científicos que servissem de base à planificação da educação.

O diretor do DEPS apresentou a comunicação intitulada "A Investigação Sociológica em face dos Problemas Educacionais Brasileiros". Também defendeu a necessidade de elaboração de um "planejamento integral da educação" brasileira.

O autor apresenta um resumo de sua exposição na revista *Pesquisa e Planejamento* com o título "Planejamento Educacional para O Estado de São Paulo (Tentativa de Formulação)" (MORREIRA, 1960). Nesse artigo defende a busca de condições, a partir da organização do planejamento, que levassem à intervenção em todos os setores do ensino.

A partir disso, propõe o desenvolvimento de um programa em longo prazo para indicar os problemas educacionais. Renato Jardim

Moreira explicou que esta necessidade era resultante da inexistência de um arquivo fidedigno de informações de natureza estatística sobre o sistema educacional.

Em 05 de junho de 1960, pouco tempo após sair do CRPE/SP, apresentou um artigo no jornal O Estado de S. Paulo intitulado "Diagnóstico do ensino primário paulista" (OESP, 1960, p.82). Neste texto resume dados elencados pelo levantamento de pesquisa feito por ele e sua equipe ao longo de três anos.

A sequência de publicações de Renato Jardim Moreira deixa patente o quanto o intelectual do DEPS era um defensor da implantação de novos modelos de pesquisas educacionais em São Paulo e suas concepções foram o norte do grupo de técnicos que teve ao seu lado no CRPE/SP.

Porém, seu ponto de vista destoava do projeto de Fernando de Azevedo na instituição, e isso gerou conflitos. Ao publicar muitos artigos, propondo mudanças no campo científico, mesmo estando à frente de um projeto que tinha o escopo de efetivação de pesquisas, nos leva a questionar se a veiculação de ideias por parte de Renato Jardim Moreira não seria uma forma de contestar os rumos de gestão do CRPE/SP.

4 OS CONFLITOS E O AFASTAMENTO DA EQUIPE DO DEPS

Nas publicações e entrevistas mencionadas anteriormente, o diretor do DEPS demonstrava um descontentamento com os rumos da pesquisa e a insuficiência para o alcance de resultados concretos. Ressaltamos que este intelectual fazia parte da denominada "Escola de Sociologia Paulista", que tinha como fundamento estudos que pretendiam vincular a investigação sociológica à transformação da sociedade brasileira.

Em carta de 18 de maio de 1960, Renato Jardim Moreira decidiu escrever uma espécie de ultimato a Fernando de Azevedo, demonstrando estar inconformado com o *status* da instituição e com o tipo de gestão promovida pelo diretor do CRPE/SP.

Começava sua missiva, justificando a gravidade da situação que se encontrava o centro de pesquisas e lembrava ser o único intelectual que permanecia dentro do projeto

como último remanescente do grupo de técnicos que, sob sua direção, se propôs organizar e desenvolver as

atividades de pesquisa do Centro e na qualidade de pessoa identificada com os destinos da instituição e totalmente devotada à tarefa que lhe coube, venho apresentar ao Senhor algumas ponderações diante de uma situação que considero grave e que põe em perigo a concretização de objetivos e ideais que naquela época nos propusemos (MOREIRA, 1960c).

Esclarecia então que nos últimos quatro anos o Centro vinha atravessando sucessivas dificuldades e um processo de progressiva desarticulação dos grupos de pesquisa. Esses deslizamentos de harmonia na instituição estariam tirando o rumo e as possíveis soluções iriam além de sua alçada ou de problemas personificados:

Não há dúvida que a responsabilidade desse malogro pode ser atribuída a deficiências pessoais dos encarregados da direção desses grupos. Entretanto, como especialistas treinados no modelo de reflexão das ciências sociais e como técnicos genuinamente interessados em descobrir os reais obstáculos à nossa ação construtiva, precisamos ir além do simples jogo de personalidade e nos propomos determinar os elementos organizatórios externos ao Centro e os fatores estruturais internos a essa instituição, causadores dessas perturbações (MOREIRA, 1960c).

Relatando os problemas de condições internas e externas desfavoráveis em sua divisão de pesquisa, indicava uma lista de providências que achava necessárias para se chegar a uma remodelação capaz de superar o atual impasse.

Entre as propostas apresentada por Renato Jardim Moreira estava uma revisão da dependência do CRPE ao Governo Federal. Somente por essa via a instituição poderia encontrar fontes suplementares de recursos para garantir o desenvolvimento das atividades de pesquisa.

Defendia também a concessão de maior autonomia aos diretores das divisões de pesquisa. Explica na carta que o regimento só permitia atuação no aspecto técnico e seria também necessária a implantação de uma autonomia administrativa de decisões internas de cada ambiente da instituição.

Explanava que o modelo vigente tornava a função dos diretores de pesquisa irrelevante, pois ao Diretor da Divisão caberia apenas a liberdade e a responsabilidade para definir o tipo de pesquisa a ser realizada, “o que se torna irrelevante desde que escapem a esse funcionário as decisões sobre os meios e as condições que tornarão possível a sua execução” (MOREIRA, 1960c).

Então propunha e enumerava atribuições que julgava serem necessárias nos assuntos administrativos das Divisões,

- a) A determinação de uma hierarquia de funções e do correlato sistema de promoção do pessoal
- b) A definição do regime de trabalho que for mais conveniente para atender à natureza das tarefas em curso e com a plasticidade imposta pelas necessidades de distribuição e mobilidade de pessoal (ponto, controle de frequência, estabelecimento de horário).
- c) Providenciar a dotação de verbas específicas à Divisão, sejam as provenientes de subvenção federal, sejam os recursos oferecidos pelas instituições com as quais o Centro vier a colaborar. Ao mesmo tempo, garantir ao Diretor da Divisão autonomia para movimentá-las de acordo com programas pré-estabelecidos. A menos que a Divisão conheça com a antecedência necessária os recursos que lhe são destinados e tenha autonomia suficiente para definir uma política capaz de garantir condições satisfatórias de remuneração, o que se verificará é a evasão sistemática de pessoal técnico, justamente o mais qualificado, para posições mais vantajosas em órgãos públicos ou empresas privadas. Esse é um problema sério que já tem comprometido a continuidade dos trabalhos de pesquisa. É preciso lembrar também a liberdade de aplicação de verbas os processos de coleta e tratamento de dados.
- d) Estabelecer um programa de aperfeiçoamento de pessoal.
- e) Quaisquer que sejam as condições, em assuntos privativos da Diretoria, e a seu critério, a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais não se subordina a nenhum outro órgão do Centro, com exceção de sua Diretoria Geral. (MOREIRA, 1960, grifos do autor).

O diretor da DEPS pretendia ter controle dos recursos e gestão dos funcionários subordinados à sua Divisão, descentralizando as tarefas concentradas na figura de Fernando de Azevedo.

Os problemas para o desenvolvimento de pesquisas, que Moreira apresentou em diferentes artigos, acabaram sendo esboçados na carta a Fernando de Azevedo, comprovando que o intelectual tornava público suas queixas ao rumo da instituição e formalizou o descontentamento na iniciativa de confrontar seu chefe de instituição.

Para Renato Jardim Moreira, a instituição de 1956 a 1960 havia passado por seu período de formação. Esse novo momento já seria suficiente para serem estabelecidas e delineadas novas tendências a serem utilizadas como diretrizes para a organização dos trabalhos de pesquisa, no plano técnico e nos setores administrativos conexos:

As situações que vivemos nesta instituição já nos permitem uma reflexão madura sobre seus problemas e sobre as providências capazes de submetê-los a controle racional. Insisto porém que as considerações aqui feitas devem respeito unicamente ao setor sob minha responsabilidade, em relação ao qual, como Diretor, e em estrita ligação com os grupos primários de trabalho, tenho procurado sentir os problemas fundamentais e descobrir as soluções que me parecem mais criadoras. Chamo também a atenção para o fato de que as repetidas solicitações de autonomia são feitas com o pressuposto de que só através dela será possível cumprimento de programas pré-estabelecidos (MOREIRA, 1960c).

Assim, terminava o comunicado ressaltando a urgência de medidas para prosseguimento do plano de trabalho e o sucesso nas pesquisas em andamento. A autonomia administrativa do DEPS seria recurso para tornar efetiva a autonomia técnica nas pesquisas pela sua equipe de trabalho.

Em 19 de maio de 1960, um dia após a carta, Fernando de Azevedo respondia, lamentando a postura do diretor subordinado a ele. Considerou ter havido um desvio de conduta e concepções equivocadas das finalidades do CRPE por parte de Renato Jardim Moreira:

Confesso que foi com magoada surpresa e grande desapontamento que li sua carta de ontem. Tendo

a relido atentamente, cheguei à conclusão de que não é possível aceitar as suas proposições, não só por mostrarem elas lamentável incompreensão das finalidades e da organização deste Centro, como também pelo fato de revestirem os aspectos de um ultimatum ao seu Diretor. Nos três anos e meio de convivência que tivemos, já devia ter sentido que, acessível como poucos à críticas e sugestões, - o de que pode V. dar testemunho, - tenho bastante consciência de meus deveres e de minhas atribuições para renunciar, a favor de quem quer que seja, às responsabilidades de direção (AZEVEDO, 1960).

Fernando de Azevedo compreendia a carta do diretor do DEPS como uma exigência irreversível. Assim, entendia que não teria como manter no cargo o intelectual, e repreendia sua indisciplina:

Como, na referida carta, considera o "acatamento de suas proposições" condição "para continuar assumindo encargos que lhe cabem" (são palavras suas), lamento sinceramente ter de aceitar, como aceito, a sua renúncia ao cargo que vinha exercendo. Espero que um dia, quando alcançar maior experiência, venha a perceber tão claramente como eu que a disciplina é a virtude por excelência do homem livre e que só aprendem e se habilitam a dirigir, aqueles que aprenderam antes a obedecer, a respeitar as decisões superiores (AZEVEDO, 1960).

O diretor do CRPE/SP desconsiderou os apontamentos sugeridos, demonstrando não estar aberto ao debate proposto, considerando que a estratégia de Renato Moreira não era essa, e sim dar um "ultimatum ao seu Diretor".

Dois dias após a demissão, em 21 de maio de 1960, os funcionários técnicos do CRPE/SP também direcionam carta a Fernando de Azevedo, apoiando a proposta de Renato Jardim Moreira e encaminhando relatório que apontava dificuldades e necessidades das Divisões de Pesquisas do CRPE/SP.

Assinado por Francisco Correa Weffort, Ruth Correa Leite Cardoso, Zillah Branco Weffort, José Fabio Barbosa da Silva, Armenuhy Kahvegian, Gabriel Bolaffi, Lourdes Britto, Haydee Maria

Roveratti, José Mario Pires Azanha, Ligia Siniscalco, Celso de Rui Beisegel, Frederico de Barros Brotero, Joanna Mader Elazari Klein e Lybia de Mattos Bruno, o ofício explicava:

Tomamos conhecimento, ontem, dos documentos trocados entre V. S.^a e o Professor Renato Jardim Moreira, a respeito da situação em que se encontra o C.R.P.E. Devemos informá-lo que dias antes deste fato, os funcionários técnicos da instituição começamos a trabalhar na elaboração de um relatório sobre os mesmos problemas, cuja conclusão nos permite a entrega que ora efetuamos (Carta dos funcionários, 1960).

Em texto objetivo, explicam no relatório que: “A análise das diversas atividades do CRPE mostra que a pesquisa atualmente, ocupa papel secundário na sua estrutura”. No documento explanam haver uma enorme distância entre os propósitos iniciais da instituição, que era investigar a realidade social e educacional, e os resultados concretos apresentados nos quatro anos de funcionamento: “Fundamentam estas afirmações tanto os trabalhos apresentados nos nossos Boletins como o número de pessoas que se dedicam à pesquisa e às outras atividades” (Carta dos funcionários, 1960).

Segundo os técnicos não havia condições de realizar um trabalho contínuo e fecundo pela falta de organização de um programa de pesquisa que funcionasse por longo prazo. Esses objetivos não se consolidariam na atual gestão por duas razões: “1^a – o divórcio entre a direção e o corpo técnico; 2^a – o isolamento do CRPE com relação a todas as outras instituições ligadas à política e à administração educacionais”. (Carta dos funcionários, 1960).

Para estes técnicos, a consolidação e os rumos da instituição dependeria da integração das diferentes pesquisas num sistema maior e de melhores condições de trabalho. Quanto à primeira exigência, criticavam o isolamento do centro e falta de resultados efetivos:

É preciso, porém, quebrar o isolamento do CRPE com órgãos aptos a intervir na atual política educacional. Só assim haveria condições para que o trabalho, aqui realizado, não seja gratuito e possa, realmente,

contribuir para uma melhoria do nível educacional da população. Se parte do orçamento federal é gasta com trabalhos no setor da educação é preciso que estes apresentem resultados capazes de oferecer diretrizes de ação a quem se preocupa com tais problemas (Carta dos funcionários, 1960).

Quanto às condições de trabalho nas Divisões de Pesquisa, afirmavam que estas não permitiriam a formação de equipes, tornando impossível a realização das tarefas. E elencaram os problemas que impossibilitavam o desenvolvimento de um plano de trabalho: grande mobilidade do pessoal técnico; falta de uma hierarquia de funções; ausência de critérios para promoção de pessoal e falta de um programa para aperfeiçoamento do pessoal técnico.

Todos estes problemas levariam a mudanças constantes na equipe de trabalho, além da falta de um plano de carreira profissional, que desprendia os técnicos envolvidos na instituição. Segundo os técnicos em levantamento elencado:

[...] dos 5 técnicos que trabalhavam em fins de 1956, apenas um continua prestando serviços; dos dezessete dos fins de 1957 restam onze. Isto resulta, principalmente, dos níveis salariais que podem ser verificados ao se comparar os vencimentos do pessoal técnico do CRPE com os das pessoas que exercem funções que exigem qualificação semelhante em empresas de pesquisa de opinião pública, no Serviço Estadual de Mão de Obra e, ainda, no magistério primário, secundário e superior (Carta dos funcionários, 1960).

Concluem a carta/manifesto exigindo todas as soluções elencadas por Renato Jardim Moreira e propondo ainda a criação de uma comissão eleita pelo corpo técnico, com atribuições para encontrar formas de solução conjunta dos problemas acima referidos.

Ainda sobre o clima da demissão de Renato Jardim Moreira, parte da comunidade acadêmica da USP se solidariza ao sociólogo. Foi promovido em 25 de junho de 1960, ou seja, uma semana após seu desligamento, um jantar de homenagem ao ex-diretor do

DEPS, que se realizou no restaurante Cathay, na Avenida Paulista, organizado por amigos, colegas e colaboradores do professor Renato Jardim Moreira, segundo matéria do jornal O Estado de S. Paulo.

A Comissão organizadora do jantar foi composta por Eurípedes Simões de Paula, José Querino Ribeiro, Florestan Fernandes, Laerte Ramos de Carvalho e Rute Correia Leite Cardoso

Segundo o diário, na solenidade coube a Laerte Ramos de Carvalho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, proferir o discurso de saudação, e falou, ainda, em nome dos colaboradores e ex-alunos, Joana Klein, que lamentou Renato Jardim Moreira não ter encontrado clima favorável ao desenvolvimento do seu programa de trabalho (OESP, 26 de junho de 1960, p. 27).

Agradecendo a homenagem, o intelectual proferiu discurso onde apresentou algumas reflexões sobre o ocorrido na instituição. No pronunciamento faz menção às necessidades científicas na sociedade e à falta de efetivação deste empenho no CRPE:

O extraordinário desenvolvimento das ciências nos últimos tempos complicou sobremaneira a organização do trabalho científico. A tremenda acumulação de conhecimentos não mais permite que todo um campo do saber seja dominado por uma só pessoa. O complexo instrumental criado para aumentar a precisão dos procedimentos científicos exige um grupo numeroso de operadores especializados. Em determinadas pesquisas, no campo científico das ciências sociais, o contingente de pessoal necessário ainda cresce, pela necessidade de manipular elevado número de casos para se obter um conhecimento generalizável. Essas condições estão transformando o cientista de um homem isolado, em um participante de uma equipe produzindo a institucionalização do trabalho científico, através da formação dos grandes estabelecimentos de pesquisa, com numeroso corpo técnico (OESP, 26 de junho de 1960, p. 27).

A proposta de implantação de um novo modelo de trabalho científico construído em equipes tinha sintonia com o tipo de

produção desenvolvido na Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Pullici (2008) evidencia a existência de dois projetos distintos nas cadeiras de Sociologia da USP.

Fazendo menção a Max Weber, e sua análise de organizações de empresas em uma ordem capitalista, faz alusão ao tipo de gestão autoritária e centralizadora de Fernando de Azevedo, como um detentor dos meios científicos do CRPE:

O trabalhador, isto é, o jovem cientista, depende dos instrumentos que o Estado põe a sua disposição, e assim depende do diretor do instituto, da mesma forma que o operário da gerência da fábrica. Isto porque, subjetivamente e de boa fé, o diretor acredita que o instituto seja seu e assim o dirige. Desse modo, a posição de jovem cientista é tão precária quanto a de qualquer existência quase- proletária (OESP, 26 de junho de 1960, p. 27).

Falando em nome de uma nova geração de cientistas que não aceitariam organizações patrimonialistas, alude que o ocorrido se deveu a falta de parcimônia do diretor: “Ressentimentos, é bem verdade, nascem em qualquer condição de convívio social, mas só assumem proporções assustadoras quando falta aos que sofrem qualquer sentimento de segurança, garantida por estatutos impensoais” (OESP, 26 de junho de 1960, p. 27).

Ressaltando o ocorrido como algo que comprometeu o trabalho realizado, afirma que não cabia aos novos pesquisadores resignar ou aceitar a alienação do sistema burocrático que não permitia a criação científica. Afirma o legado conquistado, e, falando a um grupo de pares do mesmo campo e para a geração dos novos pesquisadores, diz ao terminar o discurso:

É preciso proteger os ideais incorporados na juventude, que dão sentido no estilo de vida que escolhemos, e impedir que sejam irremediavelmente comprometidos com fatores aleatórios. É preciso preservá-los e, mais ainda, lutar para que se efetivem. Não fiquem esquecidos nossos ideais de trabalho científico honesto e profícuo. Não sejam eles substituídos no impacto das condições que ainda lhe são adversas, pelas mais compensadoras

atitudes que levam ao prestígio e ao poder. É pensando na preservação desses ideais e em sua concretização que aceito esta homenagem, não pessoalmente, mas como membro de um grupo, partilhando-a com meus jovens colegas que defendem melhores condições para seu trabalho e, com aqueles que, estando já em etapas mais avançadas de suas carreiras, compreendem claramente a responsabilidade que lhes cabe na abertura de vias criadora e fecundas para o progresso científico (OESP, 26 de junho de 1960, p. 27).

O jantar, não era apenas uma solidariedade a Jardim Moreira, era, antes de tudo, um ato político, veiculado pela imprensa, de pressão à direção geral do CRPE/SP. Em continuidade, um grupo de técnicos pediu demissão coletiva após os fatos, aumentando a crise no ambiente.

O fato do jornal *O Estado de S. Paulo* ter divulgado durante a semana o evento, e ter dado o destaque ao jantar em cobertura jornalística, deixa patente uma posição do impresso como um sujeito que se incumbiu de posicionar o público dentro de uma rede.

Como aponta Bontempi Jr. (2006), existia na década de 1950 uma nova política de recrutamento de colaboradores no jornal, inaugurando uma fase acadêmica na qual Laerte Ramos de Carvalho era figura central, com a incumbência no OESP de expressar as ideias educacionais do próprio jornal e, assim, estreitar os laços ideológicos entre este e a FFCL.

Fernando de Azevedo já demonstrava estar insatisfeito na direção da instituição. A pressão vinda de técnicos do CRPE e também externa de intelectuais da USP e imprensa foi preponderante para que este antecipasse sua saída do cargo, em fevereiro de 1961.

Anos depois, em 1970, em livro de memórias, o intelectual coloca sua versão dos incidentes na divisão de pesquisa. Sem mencionar nomes e sem explicar a forma que tentaram prejudicá-lo, colocou os fatos como um sujeito que venceu seus "inimigos":

Encontrei alguns elementos de primeira ordem que trabalharam comigo durante mais de cinco anos, outros, bons e fiéis, que me deram a colaboração possível dentro de suas capacidades mais limitadas, e outros que, depois de três anos, já tramavam contra mim, para

se apoderarem da instituição para a qual os convidara, abrindo-lhes um crédito de confiança. Não vale a pena nem me agradaria citar nomes. Eles se esqueceram de que tratavam com um homem de luta, experimentado e conhecedor dos homens e do que esses seriam capazes por ambições, de que acabava, por se tornarem um juguete, servindo frequentemente, em sua inconsciência, a interesses de terceiros. O Centro de Pesquisas teria de ir, sob minha direção, para diante, no cumprimento de meus propósitos e na obediência a ideais comuns. Toda grande obra renovadora está sujeita a esses percalços que provêm da ignorância de uns, da desonestidade de outros e da fraqueza de muitos que se deixam envolver e arrastar pelas manobras e traições de poucos. A prova de legitimidade e importância de uma obra ou empresa está exatamente na resistência fria ou na reação enérgica contra os que a ela se opõem, por interesses pessoais, caprichosos e ambições (AZEVEDO, 1970, p. 156-7)

Fernando de Azevedo explica no livro que pretendiam o destituir, acusando que a posição dos técnicos e de Renato Jardim Moreira havia sido orquestrada por pessoas externas. Assim descreve a sua deliberação que levou a demissão do diretor do DEPS no Conselho Administrativo do Centro:

Propunha-se ele, numa carta-manifesto, a disputar para o Departamento de Pesquisas Sociais maior independência em seus planos de ação e o direito de aplicar, por sua própria conta, as verbas destinadas a esse departamento de que eu lhe confiara a direção. Ele, que agia em nome de terceiros, não pensava bem na resposta que lhe daria eu, na reunião do Conselho Administrativo do Centro. Foi bem mais nem menos do que a sua demissão, dada por mim, na reunião desse Conselho, em carta que eu li perante todos com surpresa geral e espanto do colaborador infiel. Perguntou-me então quando deveria afastar-se do cargo. A resposta, imediata: - "Nada tinha que esperar, a demissão estava dada, e ele que procurasse despedir-se de seus auxiliares." Retirou-se, sem ter o que dizer-

me. Um ou dois dias depois procuraram-me doze de seus auxiliares, para me pedirem a reconsideração de meu ato, pois, do contrário, estavam resolvidos a darem sua demissão coletiva. – “Que a deixassem, naquele momento, pois já tinha outros tantos nomes de professores e pesquisadores para substituí-los no dia seguinte.” Ficaram todos calados e o que decidiram foi permanecerem em seus lugares, se eu estivesse de acordo. E voltaram a trabalhar sob a direção de outro. (AZEVEDO, 1970, p. 158).

Segundo o livro de memórias, a demissão de Renato Jardim Moreira havia ocorrido na reunião do Conselho, porém, a carta de resposta endereçada ao seu funcionário mostra que o intelectual foi demitido de imediato.

Fernando de Azevedo deixa indícios em suas memórias sobre quem seriam os professores por traz da pressão colocada nele como diretor:

Os que estavam atrás, e acobertando o colaborador infiel, que precipitara a crise e fora derrotado, eram dois professores, um dos quais muito ligado ao então reitor da Universidade, e outro que havia muito tempo já namorava o cargo de Diretor do Centro Regional, que lhe serviria de trampolim para o salto que preparava, para a reitoria da Universidade de Brasília. Meu amigo, Anísio Teixeira, instigado por um dos seus auxiliares do INEP, pedia-me que abrisse oportunidade a um dos amigos deste, da jovem guarda. O reitor estaria de acordo. E ele, o meu querido Anísio, dizia-me ao telefone “que não queria brigar.” Respondi-lhe: - “Brigarei eu”, e não entreguei o cargo pelo tempo que restava de meu mandato senão ao Prof. Milton Rodrigues, membro do Conselho Administrativo, e por mim escolhido. O que não desejava era submeter-me ao desafio desses que tramavam contra mim e disputavam para um deles a direção do Centro, pelo que me restava de meu mandato, manteve a instituição em ordem e com a organização que eu lhe dera (AZEVEDO, 1970, p. 159).

Azevedo não procurou ocultar quem “namorava o cargo como trampolim” (AZEVEDO, 1970, p. 159). Nas próprias memórias escreve

a sequência dos acontecimentos: “o Prof. Laerte Ramos de Carvalho que, no exercício de seu novo cargo, já se preparava para disputar a reitoria da Universidade de Brasília” (AZEVEDO, 1970, p. 159). Este foi um dos intelectuais que promoveu o jantar em solidariedade a Renato Jardim Moreira, mesmo sendo naquele momento um dos membros do Conselho de Administração do CRPE.

As fontes consultadas na pesquisa nos deixam indícios que, provavelmente, o outro intelectual, o que era “muito ligado ao então reitor da Universidade”, era um dos assistentes da Cadeira de Sociologia I, ou seja, Fernando Henrique Cardoso ou Octávio Ianni.

Como descreveu o diretor do centro nas memórias, ao abandonar a instituição foram realizadas as alterações que almejava, deixando a responsabilidade a alguém de sua confiança: Milton Silva Rodrigues. Assim o intelectual sai da instituição “pela porta da frente”, pois havia sido convidado a assumir o cargo de Secretário Municipal de Educação e Cultura da cidade de São Paulo.

CONCLUSÕES

A história do Centro Regional de Pesquisas Educacionais está diretamente atrelada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nos aspectos físicos (o prédio da instituição ficava no campus do Butantã), mas, principalmente, nos vínculos institucionais e pelas influências que as Cadeiras procuravam ter em espaços externos da Universidade.

Intelectuais como Florestan Fernandes tinham preocupação que os quadros formados em seu núcleo de pesquisa estivessem em postos técnicos e políticos para atuação social. A Cadeira de Sociologia I tinha uma proposta distinta da apresentada no núcleo liderado por Fernando de Azevedo.

Na primeira fase do CRPE/SP os intelectuais ligados à Cadeira de Sociologia I estavam voltados aos problemas da educação pública. No começo dos anos 1960 implodia em São Paulo a *Campanha em defesa da escola pública*, movimento em São Paulo que defendia que a Lei de Diretrizes e Bases a ser promulgada tivesse em seu texto o papel do Estado direcionado ao ensino público.

Segundo Carvalho (2003), estudioso deste fato histórico, surgiria nesse movimento um novo grupo de intelectuais em defesa

da escola pública, não mais liderados por Fernando de Azevedo, figura central em outras “batalhas” educacionais. A perda de espaço do intelectual também se fez presente no campo de pesquisas do CRPE/SP.

Após os conflitos que resultaram na saída de Renato Jardim Moreira da instituição, houve o esgotamento do interesse dos sociólogos pelo Centro de Pesquisas e, neste momento histórico, se consolidava a criação por parte do grupo da Cadeira de Sociologia I do Centro de Sociologia e do Trabalho (CESIT).

**CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DE
SÃO PAULO (REGIONAL CENTRE OF EDUCATIONAL
RESEARCH OF SÃO PAULO) AND THE INFLUENCE
OF CADEIRA DE SOCIOLOGIA I (CLASS OF SOCIOLOGY
I) OF FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS (COLLEGE OF PHILOSOPHY, SCIENCE
AND LINGUISTICS) FROM UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO (UNIVERSITY OF SÃO PAULO) DURING ITS
CONSTITUTION (1956-1961)**

ABSTRACT

This study analyses aspects of the performance of the intellectual and technical staff that worked at *Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo* (Regional Center of Educational Research of São Paulo) while it was under the management of Fernando de Azevedo (1956-1961). The pedagogical core of *Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais* (DEPS – Division of Social Studies and Research) was the object of analysis, notably the relations and the theoretical, cultural and political differences existing in this Department, especially conflicts generated by the different sociological conceptions between the staff and the management of CRPE/SP. This research sought to contextualize the inclusion in the institution, starting with the bonds and the external relations in the social and academical environment of *Universidade de São Paulo* (University of São Paulo). CRPE/SP reflected the divergences existing in *Cadeira de Sociologia I* (Class of Sociology I), led by Florestan Fernandes, and in *Cadeira de Sociologia II* (Class of Sociology

II), which had Fernando de Azevedo as its correspondent member. While it was being analysed, DEPS was under the management of Renato Jardim Moreira, who belonged to the opposite core to the Fernando de Azevedo's, fact that led to divergences in the conceptions of the research; as a consequence, political disputes at USP were found at the center approached.

Keywords: CRPE-SP. Intellectual. Social Science.

FONTES

1.1 Artigos e documentação

MOREIRA, Renato Jardim. O conhecimento da realidade educacional brasileira e a investigação social. Educação e Ciências Sociais. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Ano II, Vol. 3. n. 7. Rio de Janeiro. Abril. 1958a.

_____. 1958b. "A falta de dados dificulta a pesquisa educacional no país". Vida escolar. Folha Da Manhã 05/08/ 1958. Ensino e Pesquisa. Pág. 7.

_____. 1959. Pesquisa e Política Educacional (Texto refundido e ampliado de uma comunicação lida na X Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada de 6 a 12 de junho de 1958, em S. Paulo). Pesquisa e planejamento. Ano III. vol. 3. junho/1959.

_____. 1960. Planejamento Educacional para o Estado de São Paulo (Tentativa de Formulação). Pesquisa e planejamento. Ano IV. Vol. 4. Junho/1960.

Jantar em homenagem a ex-diretor do DEPS. 1960. O Estado de S. Paulo. 26/06/1960, página 27.

1.2 Fontes selecionadas do Arquivo Fernando de Azevedo – Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)

AZEVEDO, Fernando. 1960. Carta para Renato Jardim Moreira, de 19 de maio de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA- CA – CX7, 79.

Carta dos funcionários técnicos do CRPE/SP a Fernando de Azevedo, diretor desta instituição, apoiando a proposta de Renato Jardim Moreira e encaminhando relatório apontando dificuldades e necessidades das Divisões de Pesquisas do CRPE-SP. FA-D8/1, 50. São Paulo, 21 de maio de 1960.

MOREIRA, Renato Jardim. 1960. Carta a Fernando de Azevedo, de 18 de maio de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA-CP. CX 15, 46/4.

1.3 Memórias, depoimentos e entrevistas

AZEVEDO, Fernando de. 1970. História de minha vida. Rio de Janeiro: José Olympio.

- CARDOSO, Fernando Henrique. 2006. Entrevista. In: BASTOS, Elide Rugai; et. alli. 2006. *Conversas com Sociólogos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34.
- FERNANDES, Florestan. 1991. *Memória Viva da Educação Brasileira*. V. 1. Brasília: INEP.

REFERÊNCIAS

- BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. 2006. Em defesa de “legítimos interesses” o ensino secundário no discurso educacional de O Estado de S. Paulo (1946-1957). *Revista Brasileira de História da Educação*. nº 12 jul./dez.
- CARVALHO, João do Prado Ferraz de. 2003. *A Campanha de Defesa da Escola Pública em São Paulo (1960 – 1961)*. Tese de Doutorado. PUC / SP. São Paulo.
- FERREIRA, Márcia dos Santos. 2001. *O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956/1961)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/ Universidade de São Paulo.
- FREITAS, Marcos Cezar de. 2001. *História, Antropologia e a pesquisa educacional: itinerários intelectuais*. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- GONÇALVES, Mauro Castilho. 1997. *Uma incursão nas relações entre educação e ciências sociais em São Paulo através da revista Pesquisa e Planejamento (1955-1966)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP
- GOUVÊA, Fernando César Ferreira. 2008. *Tudo de novo no Front: O impresso como estratégia de legitimação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1952-1964)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC/RJ.
- PAOLI, Niuvenius J. 1995. *As relações entre Ciências Sociais e Educação nos anos 50/60 a partir das histórias e produções intelectuais de quatro personagens: Josildeth Gomes Consorte, Aparecida Joly Gouveia, Juarez Brandão Lopes e Oracy Nogueira*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/USP.
- PULICI, Carolina. 2008. *Entre Sociólogos: versões conflitivas da “condição de sociólogo” na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: Edusp/ Fapesp.
- XAVIER, Libânia Nacif. 1999. *O Brasil Como Laboratório. Educação e Ciências Sociais no Projeto dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/ INEP/ MEC (1950 -1960)*. Bragança Paulista (SP). Ed. Universidade São Francisco.

Aprovado em dezembro de 2015

Publicado em abril de 2016